

**ENSINO DE BIOLOGIA, GÊNERO E SEXUALIDADE: UM
OLHAR EM TRABALHOS PUBLICADOS NOS ANAIS DO VIII
ENEBIO, VIII EREBIO E II SCEB (2021)¹**

**TEACHING BIOLOGY, GENDER AND SEXUALITY: A LOOK AT WORKS
PUBLISHED IN THE ANNALS OF THE VIII ENEBIO, VIII EREBIO AND II SCEB
(2021)**

**ENSEÑANZA DE BIOLOGÍA, GÉNERO Y SEXUALIDAD: UNA MIRADA A
LOS TRABAJOS PUBLICADOS EN LOS ANALES DEL VIII ENEBIO, VIII EREBIO
Y II SCEB (2021)**

Vitor Bernardes Silva²

Sandro Prado Santos³

¹ O presente trabalho, de acordo com o disposto pelas Normas do Colegiado das Graduações em Ciências Biológicas 2016, foi formatado conforme as regras de publicação da Revista de Ensino de Biologia (REnBio) da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), disponível em: <https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fsbenbio.org.br%2Fdownload%2FTEMP_LATE_REnBiop.docx&wdOrigin=BROWSELINK>.

² Aluno do Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura / Noturno da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

³ Professor Adjunto do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia – INBIO/UFU.

Resumo

O trabalho que foi elaborado a partir de um levantamento bibliográfico a respeito das produções sobre gênero e sexualidade na Educação em Biologia, que foram convidados no VIII Encontro Nacional de Ensino de Biologia (VIII ENEBIO, VIII EREBIO-NE e II SCEB) e teve como objetivo mapear o que foi discutido sobre gênero e sexualidade atrelados ao Ensino de Biologia no evento. Como resultado, foram encontrados 35 trabalhos pensados em diferentes áreas temáticas e modalidades, permitindo enxergar diversas formas de como atravessar os gêneros e as sexualidades na Biologia, mas que também faz abrir os olhos para a censura e falta de incentivo que se abateram durante uma era de repressões que assolou nosso país e acarretou o silenciamento das produções, debates e articulações.

Palavras-Chave: Resistências. Censura. Ensino de Biologia. Diálogos. Produções científicas.

Summary

The work, which was elaborated from a bibliographic survey regarding the productions on gender and sexuality in Education in Biology, which were invited at the VIII National Meeting of Teaching of Biology (VIII ENEBIO, VIII EREBIO-NE and II SCEB) and had as its objective to map what was discussed about gender and sexuality linked to the Teaching of Biology at the event. As a result, 35 works designed in different thematic areas and modalities were found, allowing us to see different ways of how to cross genders and sexualities in Biology, but which also opens our eyes to the censorship and lack of incentive that fell during an era of repression that devastated our country and led to the silencing of productions, debates and articulations.

Keywords: Resistances. Censorship. Teaching Biology. Dialogues. Scientific productions.

Resumen

El trabajo, que fue elaborado a partir de un levantamiento bibliográfico sobre las producciones sobre género y sexualidad en Educación en Biología, que fueron invitadas al VIII Encuentro Nacional de Enseñanza de la Biología (VIII ENEBIO, VIII EREBIO-NE y II SCEB) y tuvo como objetivo mapear lo discutido sobre género y sexualidad vinculado a la Enseñanza de la Biología en el evento. Como resultado se encontraron 35 obras diseñadas en diferentes áreas temáticas y modalidades, que nos permiten ver diferentes formas de cruzar géneros y sexualidades en Biología, pero que también nos abre los ojos a la censura y desincentivo que cayó en una época de represión. que asoló nuestro país y provocó el silenciamiento de producciones, debates y articulaciones.

Palabras clave: Resistencias. Censura. Enseñanza de la Biología. Diálogos. Producciones científicas.

Agradeço primeiramente os meus pais, em especial à minha mãe, Sandra Gonçalves da Silva, por trabalharem incansavelmente para me proporcionar uma educação de qualidade, a qual eles foram privados durante sua infância e adolescência. Sou grato os meus amigos da universidade, do trabalho e também aos amigos de infância por compartilharem comigo momentos únicos, por ouvirem minhas frustrações e choros, por estarem comigo nos melhores e nos piores momentos. Quero agradecer do fundo do meu coração aos professores que fizeram parte da minha trajetória, todos serviram como inspiração, me motivam a lutar por uma educação de qualidade e pela valorização dos/das docentes do nosso país. Obrigado ao meu orientador pela paciência e pelas instruções que foram dadas durante o período de elaboração deste trabalho. Um agradecimento especial os que estiveram aqui antes de mim e lutaram para a inclusão da comunidade LGBTQIAPN⁴+ na sociedade, aos que deram o sangue e a vida para nos tornar respeitados, eu não estaria falando sobre gênero e sexualidade dentro de uma universidade se não fosse à luta diária que pessoas como Harvey Milk, Marsha P. Johnson, Keila Simpson, entre outros; em prol dos nossos direitos. Por último, quero agradecer as minhas avós que me acompanham lá de cima, mas que em vida foram muito importantes para minha formação social, mulheres viúvas que criaram seus filhos e netos de forma independente. Vó Jerônima e vó Nega... amarei vocês eternamente!

Vitor Bernardes Silva.

⁴ LGBTQIAPN+ é uma sigla que representa Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros/Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Não-binários(as).

1. Introdução

O debate sobre questões de gênero e sexualidade teve um grande avanço em nossa sociedade. No entanto, a censura que assolou nosso país nos últimos quatro anos corroborou grandemente para o afastamento de tais temáticas, fato este que se observa pela exclusão deste conteúdo na versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mesmo já tendo feito parte do currículo escolar desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

O Movimento Escola Sem Partido (MESP) é um dos grandes responsáveis pela exclusão dos debates sobre gênero e sexualidade nas escolas. Guiado e articulado por políticos de extrema direita desde 2004 quando foi fundado pelo advogado Miguel Nagib, o movimento prega uma ideologia anticomunista marcada pela heterogeneidade do discurso relativo aos limites da liberdade de expressão, que resulta na limitação da liberdade de ensino (FREEMAN, 2002). A partir daí, o movimento, através de inverdades, estimulou a população a deslegitimar a educação, atrelando a educação para sexualidade a um movimento comunista que destruiria a família e seus ideais, insinuando que a disciplina estimulava práticas sexuais anormais. Com o atrelamento do comunismo à homossexualidade, o movimento conquistou muitas/os adeptas/os, especificamente, quando iniciou o combate a uma suposta “**ideologia de gênero**”⁵ – o slogan “**ideologia de gênero**” faz uma referência aos conteúdos que envolvem educação sexual. Ou seja, no ambiente escolar, diz respeito às abordagens que cunho científico e social que tratem com naturalidade a sexualidade em suas diversas formas de manifestação.

É importante ressaltar que assuntos que são tratados como “**tabus**” são menos divulgados e menos conhecidos, ocorre, portanto, uma exclusão por parte da sociedade, criando-se uma bolha de pré-conceitos e ideias moldadas por um grupo que promove uma exclusão social em massa de uma determinada comunidade. Os tabus são criados geralmente para impor padrões morais e convicções sociais, isso pode contribuir para que questões tão importantes como a de Gênero e Sexualidade sejam impedidas de ser tratadas com naturalidade, pois como afirma Britzman (p. 95, 2001), “**a normalidade é muito facilmente perturbada se deixada livre**”.

No ambiente escolar estive frente ao descaso com as identidades de gênero e sexualidade por várias vezes, seja por vivências enfrentadas por mim ou relacionadas aos meus colegas. Berenice Bento (p. 554, 2011) argumenta que as escolas têm se tornado ambientes de (re)produção do “**heteroterrorismo**”, uma expressão utilizada pela autora (2011) para

⁵Do ponto de vista de Rogério Junqueira (2017, p. 48), ideologia de gênero refere-se propriamente aos “processos de naturalização das relações de gênero, a subordinação das mulheres, a assimetria de poder e de acesso aos recursos por parte das mulheres em relação aos homens. De acordo com tal entendimento, são manifestações de ideologias de gênero o machismo, o sexismo, a misoginia, a homofobia”.

descrever a forma como os espaços escolares lidam com a diversidade dos/as estudantes, de modo que não reconhecem suas diferenças e ainda reproduzem discursos heteronormativos.

As práticas pedagógicas que permeiam nosso cotidiano podem revelar preconceitos de gênero. Designações de cores nas escolas como, por exemplo, azul representando os meninos e rosa representando as meninas reforçam estereótipos de gênero. Esses discursos ou atitudes corroboram com os preconceitos que ainda são muito vivos em nossa sociedade, e cabe a escola, cujo um dos papéis é o de transformadora social, o dever de ajudar a eliminá-los.

A relação destas temáticas com o Ensino de Biologia se dá a partir do momento que o campo se torna viável para abordar os conteúdos, que são mais voltados para a área da saúde como o corpo humano e reprodução. Porém, visar somente esses métodos e abordagens sobre anatomia e fisiologia torna as práticas educativas restritas somente a um viés biológico e cientificista, sem possibilidade de expandir os horizontes para novas perspectivas e desconsiderando a ideia de que estes corpos estejam inseridos em dimensões históricas, culturais, sociais e afetivas.

A represália da temática Gênero e Sexualidade ainda é mantida de forma errônea por um CIS-tema⁶ – instituições morais de cunho heteronormativo as quais o povo se subordina, que funcionam como espaços de normalização, operando como dispositivos de controle – que acredita na premissa de que a escola irá incentivar a prática sexual e doutrinar os alunos sobre um gênero. Vale lembrar que a sexualidade de um indivíduo vai muito além de questões biológicas. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO,

A sexualidade pode ser entendida como uma dimensão central do ser humano que inclui: compreensão e relacionamento com o corpo humano, vínculo emocional, amor, sexo, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, intimidade sexual, prazer e reprodução. A sexualidade é complexa e inclui dimensões biológicas, sociais, psicológicas, espirituais, religiosas, políticas, legais, históricas, éticas e culturais que evoluem ao longo da vida. (UNESCO, 2019, p. 17).

Em relação ao âmbito escolar/universitário, denuncia-se que, até hoje, os currículos de licenciatura em Ciências Biológicas ainda discutem pouco ou nada discutem sobre questões socioculturais que envolvem corpo, gênero e sexualidade. É importante frisar o currículo como uma peça fundamental para abordagens políticas e culturais, contudo, Maknamara (2011) destaca que ainda há estranhamento nesse reconhecimento, pois

⁶ A palavra a palavra “cis-tema” atravessa os termos “sistema” e “cisgeneridade”, cuja junção, tem a intenção de denunciar a transfobia no sistema social dominante que é marcadamente cisgênero.

[...] ainda circulam em diferentes espaços escolares e não escolares, assim como em universidades e diferentes faculdades, enunciações que se referem ao currículo como uma “grade” a ser definida burocraticamente por uma cúpula de legisladores/as e técnicos/as em diferentes níveis de ensino (p.14).

Por ter uma forte ligação com alguns aspectos biológicos, como o sistema reprodutor, morfologia, fisiologia, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) etc., a temática sexualidade ainda é muito exclusiva dos/das docentes que lecionam as disciplinas escolares de Ciências (Ensino Fundamental) e Biologia (Ensino Médio), o que acaba distanciando o diálogo com outros componentes curriculares. Isso reforça um atrelamento da sexualidade ao caráter biológico, ocasionando em uma perpetuação de pré-conceitos e estereótipos heteronormativos. Os currículos, ainda hoje, reproduzem e compõem referentes normativos de gênero e de sexualidade que legitimam uma única forma de vivenciar a sexualidade, que é heterossexualidade, impedindo enxergar outras vivências e outros corpos.

A compactação do ensino de gêneros e sexualidades nas Ciências Biológicas destinada a um olhar estritamente biológico me motivou em ir a busca de novos métodos de ensino destes temas que pudessem abranger outros mecanismos que difundissem esse conteúdo, levando em conta os demais aspectos. Frente a esta realidade, fui apresentado ao VIII Encontro Nacional de Ensino de Biologia (VIII ENEBIO), do VIII Encontro de Ensino de Biologia da Regional Nordeste (VIII EREBIO-NE) e do II Simpósio Cearense de Ensino de Biologia (II SCEB), que é um evento na área do Ensino de Ciências e Biologia a nível nacional e reúne estudantes, pesquisadores e professores, cujo tema principal em sua oitava edição foi: Itinerários de resistência - pluralidade e laicidade no Ensino de Ciências e Biologia. O ENEBIO é um grande aliado na luta pela diversidade desde 2005, data em que teve sua primeira edição. Este encontro, que abre espaço para a discussão dessas temáticas em seus eventos, além de reunir textos, artigos e trabalhos de atuantes da área de Biologia, teve sua oitava edição feita de forma remota devido aos impactos causados pela pandemia da COVID-19.

É de grande valor ressaltar as revistas, jornais, publicações periódicas, portais, sites e eventos que realizam em seu cotidiano publicações atreladas e interligadas aos termos gênero e sexualidade, pois isso colabora com a disseminação e abordagem dos temas em diferentes âmbitos. Os mesmos abrem espaços para diálogos e reflexões sobre diversas temáticas que dificilmente são abordadas por instituições e organizações de cunho conservador, e isso acaba **“[...] ampliando e diversificando os canais de comunicação e, assim, promovendo uma troca de experiências formativas”** (BORBA *et al.*, 2020, p. 170), além de permitir uma reflexão para além da visão biológica ensinada, fazendo-se necessária discutir em sua transversalidade, sua construção histórica e social, contribuindo para o respeito acerca das diferenças, combate à discriminação, preconceitos e violências dentro e fora da escola.

Partindo-se desse contexto, a questão investigativa da presente pesquisa foi: o que tem sido discutido sobre gênero e sexualidade no ensino de Biologia no VIII ENEBIO, VIII EREBIO e II SCEB? Neste sentido, temos como objetivo geral mapear e analisar o que tem sido discutido/produzido sobre gênero e sexualidade no Ensino de Biologia, a partir dos trabalhos publicados nos anais do VIII ENEBIO, VIII EREBIO/NE e II SCEB em 2021. Os objetivos específicos são: mapear as áreas temáticas, as modalidades dos trabalhos e os referenciais teóricos utilizados; destacar os principais objetos de investigação, experimentação e produção de material que se ocuparam; e, apontar as principais contribuições ao campo/a área do Ensino de Biologia.

2. Perspectiva teórica: diálogos entre Ensino de Biologia, gêneros e sexualidades

Embora seja reconhecido como um ambiente de pluralidade, o espaço escolar reproduz padrões normativos que são desejados pela sociedade, inclusive no que diz respeito a negação de todas as práticas que não são bem aceitas pelos agentes responsáveis pela imposição destes padrões. Desta forma, a sociedade moldou, através dos tempos, uma série de comportamentos sociais considerados masculinos e femininos, formando assim o sistema binário homem x mulher. Essas normas dicotômicas de gênero foram percebidas por Livia Cardoso (2018), após a análise do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), nas versões de 2008, 2011, 2014 e 2017, dando ênfase aos Guias de Ciências para os anos finais do Ensino Fundamental aos quatro volumes de Livros Didáticos de Ciências da Coleção Projeto Teláris e quatro volumes da Coleção Ciências nos Dias de Hoje aprovadas no Guia de 2014:

Luta por território. Combate e competição. Cuidado, proteção e carinho. Na natureza produzida nos livros didáticos analisados, tudo está bem dividido e delimitado: de um lado, machos, detentores da força e fundamentais na corrida pela sobrevivência; do outro, fêmeas, mais frágeis, delicadas e a serviço da reprodução. Tal produção, que estabelece dualismos como fortes e fracas ou provedores e cuidadoras, é acionada pelo discurso biológico que pretende estabelecer a realidade do que seria tomado como natural. (CARDOSO, 2018, p. 101).

Historicamente, o Ensino de Ciências e Biologia tem reduzido a abordagem dos temas gênero e sexualidade exclusivamente ao conceito anatomofisiológico. A partir da década de 90, devido a problemas epidêmicos como as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), que atingiram principalmente a população mais jovem, o discurso de gênero e sexualidade nas escolas passou a adotar um caráter totalmente relacionado a área da saúde.

De acordo com Carvalho (2018), os retrocessos, avanços e conquistas das disposições legais na tentativa de consolidar os territórios da Educação para os Gêneros e as Sexualidades

e o respeito à diversidade sexual, aos direitos reprodutivos e às visibilidades LGBTQIAN+ são atravessados por discursividades históricas que recorrem às explicações biológicas e incidem no Ensino de Ciências e Biologia para se criar explicações e ordenamentos dos sexos, dos gêneros, dos corpos, dos desejos e das subjetividades das pessoas. Segundo a autora (2018), esse discurso estritamente biológico foi dado de forma incontestável, o que corroborou em práticas higiênicas baseadas em leis genéticas, adotadas pelas civilizações com o objetivo de adequar as pessoas aos padrões heteronormativos. O emprego de tentativas cada dia mais agressivas para controlar e negar as questões de gênero e sexualidade nas escolas é uma dimensão não só relacionada aos/as discentes, docentes, gestores e familiares, mas é algo que implica também **“as próprias estruturas das políticas educacionais, curriculares, das culturas escolares e dos discursos pedagógicos, disciplinares, midiáticos, políticos, sociais, religiosos e familiares”** (LOPES; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018, p. 7).

As abordagens de gêneros e sexualidades atreladas ao Ensino de Biologia ocorrem, em sua grande maioria, “[...] **na produção de elementos de homogeneização, de regulação, de interdição, da binarização, da neutralidade, da representação, invariabilidade, estabilização, vontade de saber-poder, de uma totalidade orgânica, constâncias e universalizações**” (SANTOS; MARTINS; SILVA, 2021, p. 327). Por outro lado, práticas que são adotadas com a finalidade de minar a perspectiva universalista de abordagem de gênero e sexualidade, e também de expandir a visão sobre essas temáticas para outros campos que não o de uma genética binária são vistas como práticas de resistência, nos mostrando que um outro ensino de Biologia é possível.

Se no Ensino Superior ocorre uma flexibilidade em relação ao tratamento destas temáticas, principalmente nas matérias relacionadas à área da educação, que trazem outras narrativas e formas de experimentação deste conteúdo, o que vemos no Ensino Médio e Ensino Fundamental é uma abordagem de extremo silenciamento com as questões socioculturais e a falta de preparo para lidar com os corpos que historicamente foram marginalizados. A linguagem comum nos tem doutrinado a pensar nossos corpos a partir de uma gramática biológica e médica, excluindo assim outras maneiras de dar significado aos corpos, o que acarreta no desaparecimento de outras experiências de ser e pertencer ao mundo. Para Judith Butler (2017), o corpo se assemelha a uma **“fronteira variável”** permanentemente contingente, mutável e politicamente governada “dentro de um campo cultural de hierarquia de gênero e da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2017, p. 240). Desse modo, os corpos se moldam através da tecitura de normas de gênero que podem controlar e subjetivar os corpos. É importante, portanto, ter atenção e desconfiança daquilo que é pregado como **“normal”**, além de questionar, não só o conteúdo que é ensinado, mas a forma como ele é passado e de que forma os/as alunos(as) aplicam aquilo que aprendem.

3. Metodologia

A presente investigação trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa do tipo levantamento bibliográfico. O levantamento bibliográfico serve para levantar estatisticamente todos os dados encontrados a respeito de um determinado tema em uma determinada rede de publicação.

[...] trata-se de um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas poucos explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para pesquisas. (LIMA; MIOTO, 2007, p. 43).

De acordo com Markoni e Lakatos (2003, p. 158), esta metodologia pode contribuir na **“[...] planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações”** sobre os temas investigados.

Neste sentido, realizamos um levantamento bibliográfico para mapear e discutir os trabalhos relacionados a gênero e sexualidade no ensino de Biologia publicados nos anais do VIII ENEBIO, VIII EREBIO e II SCEB no ano de 2021. A investigação nesse espaço formativo se deve ao fato de envolver pesquisadores/as e educadores/as, tanto na formação inicial quanto na continuada, que desenvolveram trabalhos e atividades na área do Ensino de Biologia.

O *corpus* de análise atribuiu as produções dos próprios relatos de pesquisa, relatos de experiência e das produções de material didático, que compuseram os anais do referido evento, feitas por pesquisadores/as e que foram apresentadas no encontro, disponibilizadas no site da Realize Eventos⁷.

No referido site, encontramos um sistema de busca de trabalhos por título/autor/modalidade/área temática. Os artigos podem ser encontrados utilizando-se um filtro por vez (exemplo: utilizar somente a categoria área temática) ou pode-se fazer combinações

⁷ Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/edicao/anais-do-encontro-de-ensino-de-biologia-da-regional-nordeste--viii-erebio-ne--e-o-simposio-cearense-de-ensino-de-biologia--ii-sceb-/pesquisa?page=22>>.

(exemplo: mesclar todos os filtros). Os trabalhos foram divididos em oito áreas temáticas⁸ e distribuídos em três modalidades⁹.

Os descritores que utilizamos para realizar a busca dos trabalhos foram: educação em/para sexualidade; corpos; diversidade; LGBT; gêneros; diversidade nas escolas. Como critério de inclusão, pelo menos um de tais descritores precisavam constar no título ou nas palavras-chave do trabalho, caso contrário, era excluído.

Ao executar uma pré-análise nos 568 trabalhos do evento, identificamos 35 trabalhos que contemplavam os critérios de busca da pesquisa. Após a seleção dos trabalhos, foram realizadas leituras dos textos na íntegra, estudos e análises.

O movimento de análise constituiu três etapas: realizamos uma pré-análise, a leitura minuciosa do material e, por fim a interpretação dos resultados (LÜDKE; ANDRÉ, 2013), na tentativa de mapear e analisar o que tem sido discutido sobre gênero e sexualidade no Ensino de Biologia, a partir dos trabalhos publicados no VIII ENEBIO, VIII EREBIO/NE e II SCEB em 2021, procurando pelas áreas temáticas; modalidades dos trabalhos; referenciais teóricos utilizados; principais objetos de investigação, experimentação e produção de material que se ocuparam; e, pelas principais contribuições ao campo/a área do Ensino de Biologia. Como forma de sistematização dos dados, organizamos quadros e gráficos síntese para sistematização dos textos selecionados.

4. Resultados e discussões

Após a leitura dos trabalhos, pudemos distribuí-los quanto às suas áreas temáticas, suas modalidades. Foi criado um quadro identificando os trabalhos por números, além de seus títulos, autores, áreas temáticas e modalidades, o que foi muito importante para dar o pontapé

⁸ AT 01: Ensino de Ciências e Biologia e Relações CTSA; AT 02: Formação de Professores de Ciências e Biologia; AT 03: História, Filosofia e Sociologia da Ciência (HFSC) no Ensino de Ciências e Biologia; AT 04: Ensino de Ciências e Biologia em Espaços não Escolares e Divulgação Científica; AT 05: Ensino de Ciências e Biologia: Avaliação, Currículo e Políticas Públicas; AT 06: Ensino de Ciências e Biologia: Inclusão e Diversidade; AT 07: Ensino de Ciência e Biologia: Saúde; AT 08: Ensino de Ciências e Biologia: Cultura e Arte.

⁹ Produção de Material Didático, Vídeo ou Exposição Fotográfica (M.D.V.F), Relatos de Experiência Docente (R.E.D) e Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A).

DOI:

11

inicial no estruturamento do levantamento. A seguir, o quadro com as informações pertinentes a todos os artigos:

QUADRO Nº1- Trabalhos sobre gênero e sexualidade relacionados ao Ensino de Biologia - VIII ENEBIO, VIII EREBIO/NE e II SCEB (2021)

IDENTIFICAÇÃO	TÍTULO	AUTORIAS	ÁREA TEMÁTICA (AT)	MODALIDADE
1.	A BIOLOGIA E A DESIGUALDADE ENTRE OS GÊNEROS	LEONARDO OLIVEIRA DA COSTA, ELÍSHA SILVA DE JESUS, JULIANA REZENDE TORRES, LAURA ALVES DE OLIVEIRA	AT 06	Produção de Material Didático, Vídeo ou Exposição Fotográfica (MDVF)
2.	A (DES)MONTAGEM DA EDUCAÇÃO PARA OS GÊNEROS E AS SEXUALIDADES NO BRASIL: ESSA CONDUTA IMPORTA AO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA?	FABIANA APARECIDA DE CARVALHO, ADALBERTO FERDINANDO INOCÊNCIO	AT 06	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
3.	A FORMAÇÃO SEXUAL DE PROFESSORES EM CURSOS DE LICENCIATURA: O QUE DIZ O ESTADO DA ARTE?	FRANCISCO NUNES DE SOUSA MOURA, ERIKA FREITAS MOTA, JARBAS DE NEGREIROS PEREIRA, RAQUEL CROSARA MAIA LEITE, RAYANNE BARROSO SILVA, THAÍS BORGES MOREIRA	AT 07	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
4.	AS PRODUÇÕES DE PESSOAS TRANS NOS TERRITÓRIOS DA EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA: UM FUNCIONAMENTO MENOR AOS CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES	CAMYLA STRACK DE OLIVEIRA, SANDRO PRADO SANTOS	AT 06	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
5.	ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO SEXUAL INTENCIONAL NO PROJETO	BRUNO TAVARES, ADRIANA MOHR	AT 06	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)

	“MIOLHE: GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO” (PET/BIOLOGIA/UFSC)			
6.	CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE UM CURSO NORMAL SOBRE O ENSINO DE SEXUALIDADE NA ESCOLA	LOUISE FRANCISCO, CAIO ROBERTO SIQUEIRA LAMEGO, MARIA CRISTINA FERREIRA DOS SANTOS, SIMONE DA SILVA SANTANA BAPTISTA	AT 06	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
7.	CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO ACERCA DE CONCEITOS RELATIVOS À SEXUALIDADE HUMANA	PAULO VITOR ALVES RIBEIRO, NICOLE CRISTINA MACHADO BORGES, VANESSA FONSECA GONÇALVES	AT 06	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
8.	CORPO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: OLHARES AO COTIDIANO ESCOLAR.	FRANCISCO ANTONIO RODRIGUES SETÚVAL, JANINE RANIELLE BAHIA DE MIRANDA SOUSA, MARIA EDUARDA DO PRADO PINTO	AT 02	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)
9.	“CORPOS ESTRANHOS” NA ESCOLA: PROBLEMATIZANDO AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS	GUILHERME AUGUSTO MACIEL RIBEIRO, EDMAR REIS THIENGO	AT 06	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)
10.	DISCUTINDO GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: UM GUIA DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA PROFESSORES	GUILHERME AUGUSTO MACIEL RIBEIRO, EDMAR REIS THIENGO	AT 06	Produção de Material Didático, Vídeo ou Exposição Fotográfica (MDVF)
11.	DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE: SABER/PODER SOBRE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS NO LIVRO DIDÁTICO	LUCIANA APARECIDA SIQUEIRA SILVA, ELENITA PINHEIRO DE QUEIROZ SILVA	AT 05	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)

12.	EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO VIA ABORDAGEM TEMÁTICA FREIREANA	ELÍSHA SILVA DE JESUS, JULIANA REZENDE TORRES, LAURA ALVES DE OLIVEIRA, LEONARDO OLIVEIRA DA COSTA	AT 06	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)
13.	EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE E FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: UM OLHAR SOBRE O PROJETO PEDAGÓGICO DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	MARIANA DE SOUSA ARAÚJO, LUCIANA APARECIDA SIQUEIRA SILVA	AT 02	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
14.	EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE: CONTRIBUIÇÕES DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA AOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	FERNANDA FERNANDES, LEONIR LORENZETTI	AT 06	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)
15.	EDUCAÇÃO SEXUAL EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS: ABORDAGENS CULTURAIS E SILENCIAMENTOS	LUISA MACHADO, SANDRA LÚCIA ESCOVEDO SELLES	AT 05	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
16.	EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: QUEBRANDO O TABU E RESPEITANDO A DIVERSIDADE	ANDRESSA SOBRAL GONÇALVES, ANDRÉ LUIS CORRÊA, DIEGO REIS DE SANTANA, JOELSA MENEZES ALVARENGA, STÉFANE DA SILVA	AT 07	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)
17.	ENSINO DE BIOLOGIA E SEXUALIDADE: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA EM TRABALHOS	LOUISE FRANCISCO, CAIO ROBERTO SIQUEIRA LAMEGO, JULIANA LOPES MESQUITA	AT 06	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)

	PUBLICADOS NOS ANAIS DO ENEBIO (2005 – 2018)			
18.	ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DA APLICAÇÃO DO PROJETO ‘CONHECENDO O MEU CORPO’	RAQUEL SALES MIRANDA, CAMILA MOURA DE OLIVEIRA, RAQUEL CROSARA MAIA LEITE	AT 02	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)
19.	ENTRE O XX E XY: VIVÊNCIAS DE PROFESSORAS E PROFESSORES DE BIOLOGIA NO COTIDIANO ESCOLAR	CELINA GABRIELA LEITE BOMFIM, EDINALDO MEDEIROS CARMO	AT 06	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
20.	ENTRE PÁGINAS E ORIENTAÇÕES, TABUS E PRESCRIÇÕES: A SEXUALIDADE DO “BOM CRISTÃO”!	LUCIANE DE ASSUNÇÃO RODRIGUES, SILVIA NOGUEIRA CHAVES	AT 06	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
21.	ENTRE PECADO E DOENÇA: A SEXUALIDADE (?) DOS CORPOS HUMANOS “IMATUROS”	GEORGIA DE SOUZA TAVARES, SILVIA NOGUEIRA CHAVES	AT 05	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
22.	“ESPELHO, ESPELHO MEU... O MEU CORPO ESTÁ MUDANDO, O QUE SERÁ QUE ACONTECEU?” UMA PROPOSTA LÚDICA PARA O TEMA SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS	HELEN REGINA MACHADO NAHUM, ANA CRISTINA PIMENTEL CARNEIRO DE ALMEIDA, YURI CAVALEIRO DE MACÊDO COELHO	AT 06	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)
23.	FESTA DOS FLUIDOS: DINÂMICA PARA O ENSINO DE SEXUALIDADE/INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS	SAMYRA CARDOZO SANTOS PERIM, DÉBORA BARRETO TERESA GRADELLA, ISAQUE ALVES COIMBRA DA SILVA, KARINA CARVALHO MANCINI	AT 07	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)

24.	“MESMO SE EU FOR ESTUPRADA, EU NÃO VOU ABORTAR”: DISCURSOS DE DISCENTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA DISCIPLINA EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE	VINICIUS MASCARENHAS DOS PASSOS, MARCOS LOPES DE SOUZA	AT 06	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)
25.	O QUE A VIDA TEM A ENSINAR PARA O ENSINO DE BIOLOGIA? ANÁLISE DE UMA NARRATIVA DIGITAL INTITULADA “FORMAÇÃO DE PROFESSOR DE BIOLOGIA XY GAY”	MICHAEL LUCIANO DAS GRAÇAS SILVA, DANILO SEITHI KATO	AT 06	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
26.	O QUE É POSSÍVEL DIZER DE CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES COM/NA EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA A PARTIR DO ENCONTRO COM AS EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS TRANS...	SANDRO PRADO SANTOS, MATHEUS MOURA MARTINS	AT 06	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
27.	RELATO DE EXPERIÊNCIA NA TEMÁTICA DA SEXUALIDADE: COMO MUDOU O ASSUNTO AO LONGO DAS GERAÇÕES?	THAÍS BORGES MOREIRA, FRANCISCO NUNES DE SOUSA MOURA, RAQUEL CROSARA MAIA LEITE, RAYANNE BARROSO SILVA	AT 07	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
28.	REPRODUÇÃO E SEXUALIDADE: AS CONTRIBUIÇÕES DA PARCERIA UNIVERSIDADE-ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO DO ENSINO DOS TEMAS	JORGE LUIZ SILVA DE LEMOS, CRISTIANA ROSA VALENÇA, LEANDRO DOS SANTOS LIMA HOHL, LUCIANA LIMA DE ALBUQUERQUE DA VEIGA	AT 05	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)

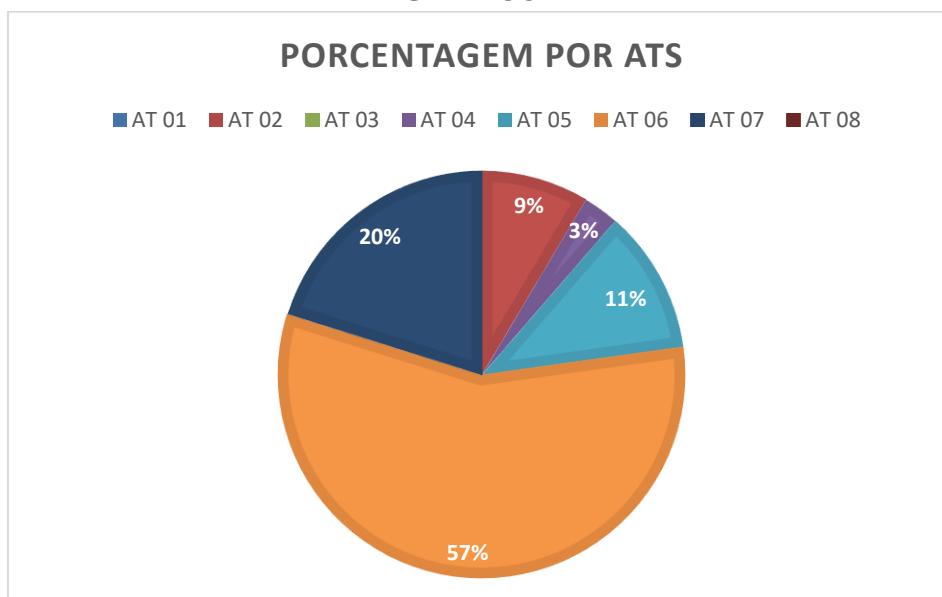
29.	RODA DE CONVERSA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL: DESMISTIFICANDO TABUS, SENSIBILIZANDO E APRENDENDO.	FRANCISCO ARTHUR VICTOR SILVA FIGUEIREDO, ERIKA FREITAS MOTA	AT 07	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)
30.	SAÚDE SEXUAL E SAÚDE REPRODUTIVA, GÊNERO E MASCULINIDADES: ENRIQUECENDO O DEBATE SOBRE SAÚDE EM SALA DE AULA	MÔNICA DE CASTRO BRITTO VILARDO	AT 07	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)
31.	SEXUALIDADE E GÊNERO EM DOCUMENTOS EDUCACIONAIS DO PARANÁ	WELLINGTON SOARES DE LIMA	AT 06	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
32.	SOCIALIZANDO O DEBATE SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	JÉSSICA GOMES DAS MERCÊS COSTA, PATRÍCIA MACHADO MOREIRA	AT 06	Produção de Material Didático, Vídeo ou Exposição Fotográfica (MDVF)
33.	VAMOS FALAR SOBRE SEXUALIDADE?: O DIÁLOGO EM AMBIENTE ESCOLAR COMO FERRAMENTA PARA A PROTEÇÃO FÍSICA E EMOCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES.	NATÁLIA STINGHEN TONET, IAGO WEBER PITZ	AT 07	Relatos de Experiência Docente (R.E.D)
34.	VICTOR STAWIARSKI E A EDUCAÇÃO SEXUAL NO MUSEU NACIONAL (1940-1970): ENTRE DEMISSÕES E SILENCIAMENTOS, O SUCESSO DE PÚBLICO	ANDRÉA FERNANDES COSTA, GUARACIRA GOUVEA DE SOUSA	AT 04	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)
35.	“VOCÊ VAI ADORAR A PROFESSORA, ELA É ÓTIMA, ELA É BOCA PORCA”: AS PRÁTICAS	THAÍS SANTOS SANTANA, MARCOS LOPES DE SOUZA	AT 06	Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)

	PEDAGÓGICAS DE UMA PROFESSORA NA DISCIPLINA EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE			
--	---	--	--	--

Fonte: Autores, 2021.

No mapeamento, percebemos que as áreas temáticas AT01; AT 03 e AT 08 não apresentavam trabalhos referentes a presente investigação (**Gráfico 1**). O fato destas áreas temáticas não serem abordadas nestes trabalhos não tiram sua importância na contribuição com as discussões de gênero e sexualidade. Compreendemos que as relações do movimento Ciência, Tecnologia (AT 1), Sociedade e Ambiente (CTSA); História, Filosofia e Sociologia da Ciência (HFSC) – AT 3; cultura e arte (AT8) podem apresentar potentes contribuições para as discussões de gênero e sexualidade, entretencidas como Ensino de Biologia.

GRÁFICO 1



O Gráfico 1 foi distribuído em quantidade de trabalhos por ATs, que foram apresentadas em porcentagens. Na AT 02 encontramos 2 produções (9%), na AT 04 apenas um trabalho (3%) e na AT 05 quatro (11%), sendo estas as ATs com o menor número de trabalhos produzidos. Já nas ATs 06 e 07, encontramos a maior concentração de artigos sobre gênero e sexualidade, cada uma com respectivamente 20 (57%) e 7 (20%).

Na Área Temática **“Formação de Professores de Ciências e Biologia”** nos deparamos com trabalhos cujo o objetivo é verificar como ocorre as discussões da formação dos professores de Ciências e Biologia tendo em vista a relação teórico-prática, no encaminhamento das ações pedagógicas sobre os temas ou concepções paradigmáticas de Gênero, Sexualidade e Educação Sexual; e também compreender os limites e possibilidades do diálogo sobre estes temas em nossas escolas, especialmente na disciplina de Ciências Biológicas, com o intuito de promover o debate epistemológico do ensino de Ciências e Biologia, estimulando discussões sobre esses tópicos, reconhecendo a Biologia como um produto histórico, fruto da conjunção de fatores sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos.

Para além do contexto escolar e levando em consideração o conhecimento biológico adquirido fora dos muros das escolas encontramos um trabalho na Área Temática **“Ensino de Ciências e Biologia em Espaços não Escolares e Divulgação Científica”**, que fala sobre os cursos e oficinas sobre Educação Sexual ministrados pelo professor Victor Stawiarski (1903-1979), no Museu Nacional entre os anos de 1940 e 1970, como forma de atrair a população e os alunos para as questões de gênero e sexualidade com um novo olhar, visto que o conteúdo não era bem visto no ambiente escolar pelas famílias. É importante ressaltar que durante muito tempo os espaços não formais não eram reconhecidos como locais de aprendizado e de construção de conhecimento e até comparados com os espaços formais. No entanto, Queiroz et al. (2002) mostra que a educação não formal utilizada nestes espaços institucionalizados tem características próprias e diferenciadas da educação formal que ocorre nas escolas. Outro ponto importante é entender que a relação entre os espaços não formais e as escolas dever ser de aliança, e não de sobreposição, somente assim esta relação poderá chegar ao seu mais alto índice de aprendizado.

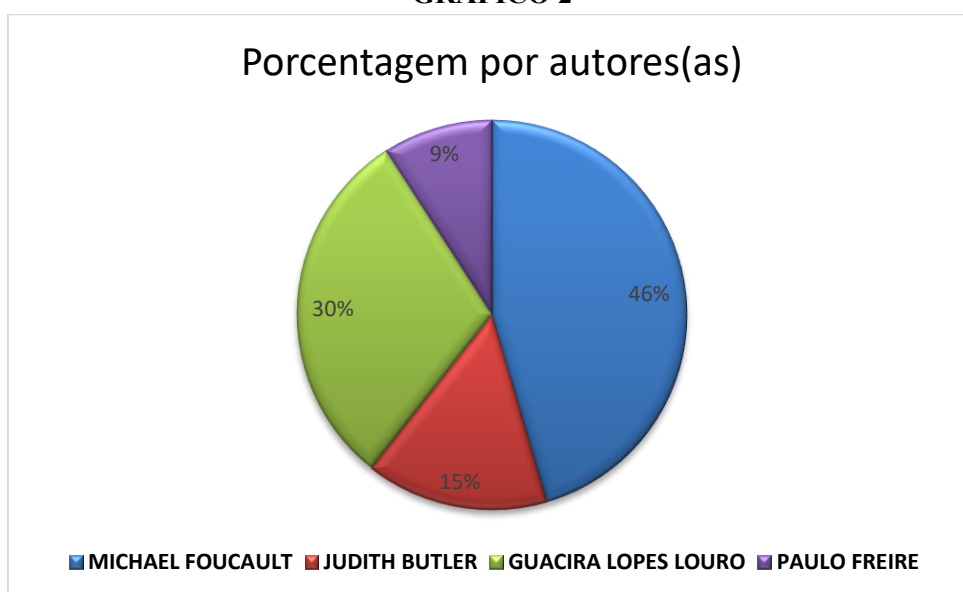
Partindo para a Área Temática **“Ensino de Ciências e Biologia: Avaliação, Currículo e Políticas Públicas”**, que possui quatro trabalhos cujo o objetivo é apontar como se tem abordado os temas gênero e sexualidade nas aulas de biologia após as reformas curriculares e análises dos discursos acerca da produção dos saberes no entorno dos conteúdos, além de apresentar diversas formas de abordar aspectos das temáticas.

Quanto a área **“Ensino de Ciências e Biologia: Inclusão e Diversidade”**, os trabalhos trazem vem com o objetivo de mostrar que a educação inclusiva de Ciências e Biologia vem ganhando espaço ao longo do tempo, mas que em muitos casos a Biologia ainda é usada para difundir argumentos discriminatórios. Podemos perceber tais características quando alunos(as) fora do padrão da heteronormatividade sofrem silenciamento, dominação simbólica, normalização e ajustamento através de estratégias de biopoder, controle e vigilância. O comportamento preconceituoso, medidas discriminatórias, constrangimentos e agressões físicas, verbais e morais constituem a rotina escolar (FOUCAULT, 1987; JUNQUEIRA, 2013). Isso explica a interrupção da trajetória escolar devido à violência de gênero e sexual. Segundo Rocha (2009), a evasão escolar de meninas é quase 20% acentuada, ao mesmo tempo em que, 46% da população trans no Brasil não finalizou o ensino fundamental, colocando o Brasil no topo do ranking de assassinatos de pessoas trans no mundo (ANTRA, 2019).

Por fim, a área **“Ensino de Ciência e Biologia: Saúde”** e seus trabalhos vem com a importante missão de nos mostrar as formas de se abordar a Educação Sexual no ensino de Biologia, dando toda atenção a pautas já conhecidas como prevenção a doenças, mas também mostrando que o conteúdo vai além das questões biológicas e dos paradigmas criados por uma parcela conservadorista que associa a Educação Sexual com uma abordagem incentivadora de práticas sexuais.

No âmbito dos trabalhos foi possível mapear a recorrência e aliança deles com as produções de Michael Foucault¹⁰, Judith Butler¹¹, Guacira Lopes Louro¹², Paulo Freire¹³, dentre outros/as. Com o Gráfico 2, representamos em porcentagem a quantidade de vezes que os(as) autores(as) apareceram nos 35 trabalhos.

GRÁFICO 2



Foi feita também a disposição do número de trabalhos de acordo com cada modalidade. Esses dados estão disponíveis no Gráfico 3.

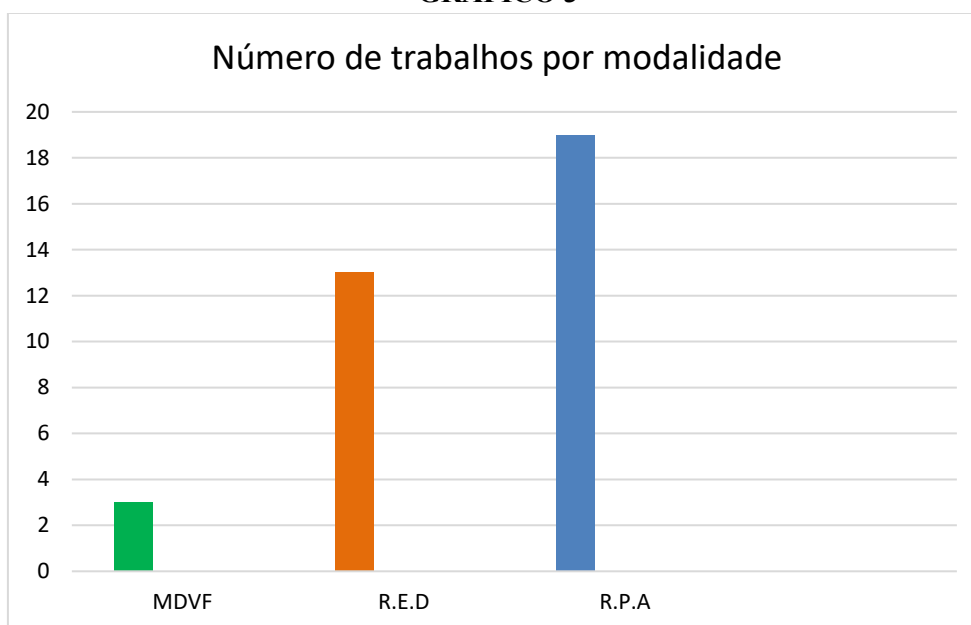
¹⁰ Michael Foucault foi um filósofo francês que viveu entre 1926-1984 e defendia que a sexualidade foi totalmente construída na cultura de acordo com os objetivos políticos da classe dominante.

¹¹ Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas contemporâneas do feminismo e teoria queer.

¹² Guacira Lopes Louro é doutora em educação e professora titular aposentada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi fundadora do GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero) e participa deste grupo de pesquisa desde 1990.

¹³ Paulo Freire foi um filósofo e educador brasileiro que viveu entre 1921-1997.

GRÁFICO 3



O Gráfico 3 trouxe a representação do número de trabalhos que foram distribuídos por modalidades. De acordo com ele, a modalidade “*Relatos de Pesquisa Acadêmica (R.P.A)*” detêm o maior número de trabalhos, com 19 artigos catalogados. Nesta categoria estão enquadrados os trabalhos que colecionam, sistematizam, analisam, avaliam e sumarizam dados, sejam eles coletados pelo autor ou secundários (fontes e arquivos estatísticos públicos) ou trabalhos práticos submetidos a uma análise qualitativa (a revisão de literatura) ou quantitativa.

Estes trabalhos, em sua maioria nos alertaram como o ensino de Ciências e Biologia tem tratado os temas gênero e sexualidade no âmbito educacional, de acordo com as imposições do novo currículo a saber: **a)** como denunciar os ataques que as políticas públicas e os currículos escolares vêm sofrendo atualmente, principalmente em relação ao ensino de gênero e sexualidade nas aulas de biologia (Trabalho 2); **b)** utilizar o Estado da Arte com o objetivo de identificar o que tem sido produzido com esta temática em tempos de conservadorismo (Trabalho 3); **c)** investigar os relatos de pessoas trans acerca dos corpos, gêneros e sexualidades, objetivando apresentar as experiências, fissuras, aberturas e escapes que pessoas trans deixaram pelos territórios da Educação em Biologia (Trabalhos 4 e 26); **d)** o que foi discutido ao longo do tempo sobre gênero e sexualidade de forma a abordar as temáticas que foram se ampliando para buscar outras discussões, outras questões (Trabalhos 5, 17 e 27); **e)** compreender a visão dos(as) estudantes de um curso normal de como ocorre o ensino de gênero e sexualidade nas escolas e refletir sobre os desafios dessa abordagem (Trabalho 6); **f)** analisar, identificar e debater as concepções de estudantes de diferentes séries do Ensino Médio sobre gênero e sexualidade, além de poder medir o conhecimento dos mesmos acerca da temática (Trabalho

7); g) como os livros didáticos, que são suporte pedagógico ao trabalho docente, tem corroborado com a associação da sexualidade com aspectos fisiológicos como o aparelho reprodutor “universalizando os sujeitos como se eles compartilhassem os mesmos atributos biológicos independentemente de seus contextos históricos e culturais” (SILVA; RIBEIRO, 2011, p. 523), e, por outro lado mostrar que os materiais didáticos mais recentes trazem aproximações com questões sociais, mas que os mesmos estão sendo colocados em xeque pelo conservadorismo. (Trabalhos 11, 15 e 21); h) olhar como os Projetos Pedagógicos, documentos pedagógicos, parâmetros curriculares, etc., contemplam e abordam questões relativas à educação para a sexualidade e gênero, (Trabalhos 13 e 31); i) de que forma o círculo formado por professores(as) de Biologia tem tratado gênero e sexualidade nas escolas. Para isto foram analisados os tipos de abordagens dos(as) docentes em relação às temáticas a fim de perceber o posicionamento desses/as docentes frente a essas possíveis ocorrências no cotidiano escolar (Trabalhos 19 e 35); j) que livros didáticos não convencionais de Ciências, como por exemplo, de uma escola católica, apresentam discursos conservadores sobre sexualidade embasados não na ciência, mas sim em dogmas religiosos (Trabalho 20); k) possibilitar a compreensão de elementos do processo de formação de professores de biologia ao aproximar a subjetividade e elementos da biodiversidade local (Trabalho 25); l) que os temas gênero e sexualidade, assim como o Ensino de Biologia, não estão restritos apenas aos espaços formais (Trabalho 34).

Os resultados dos trabalhos apresentados nesta modalidade mostram o quanto a abordagem dos temas gênero e sexualidade nas escolas ainda é perseguida, o quanto a visão sobre essas experiências ainda é engessada num olhar propriamente dito como biológico por se apropriar somente de aspectos corporais e não levar em conta questões sociais, culturais e emocionais. Mas também é notável perceber que os/as educadores(as) em formação inicial ou continuada estão buscando alternativas para tornar este debate mais amplo de forma a englobar todas as características que possam desnaturalizar ainda mais a conversa entre o Ensino de Biologia e os gêneros e sexualidades.

A modalidade “*Relatos de Experiência Docente (R.E.D)*” concentra a segunda maior quantidade de publicações sobre os temas gênero e sexualidade atrelados ao Ensino de Biologia, contendo 13 artigos. Estes relatos englobam reflexões que são organizadas de forma estruturada por autores/as com o propósito de analisar perspectivas que considerem significativas em sua formação docente. Esta modalidade traz trabalhos com mecanismos que visam investigar os olhares dos graduandos acerca do cotidiano escolar sobre o corpo, gênero e sexualidade a fim de relatá-los na escrita do estágio em que participaram (Trabalho 8), assim como trabalhos cuja finalidade é estudar o corpo humano de uma forma não convencional, que fuja da proposta anatomofisiológica masculino x feminino, levando em consideração os corpos trans (Trabalho 9). Há trabalhos que se ocuparam de evidenciar a Abordagem Temática Freineana nas temáticas

voltadas para o Ensino de Biologia para possibilitar o diálogo entre educandos(as) e educadores(as) (Trabalho 12).

Alguns trabalhos (N^{os} 14, 18, 22, 24, 28 e 33) trazem em seus relatos estratégias de como abordar gênero e sexualidade nos anos iniciais, como implementar de forma didática um conteúdo considerado por muitos impróprio para os conservadores, mas que é de bastante importância para crianças para que as mesmas entendam sobre seus corpos, sobre a pluralidade dos corpos, e sobre a sexualidade de forma segura e responsável, visando ajuda-las na proteção contra a violência sexual.

Esta modalidade tem também trabalhos (N^{os} 23 e 30) cujo principal objeto de investigação é a educação na área da saúde, que como descrita por Machado *et al* (2007)

“Destaca-se a educação em saúde, como estratégia de promoção à saúde neste processo de conscientização individual e coletiva de responsabilidades e de direitos à saúde, estimulando ações que atendam aos princípios do SUS. A partir deste enfoque, elege estratégias didáticas que conduzam a uma transformação dos indivíduos socialmente inseridos no mundo, ampliando sua capacidade de compreensão da complexidade dos determinantes de ser saudável. (MACHADO *et al*, 2007, p.339).

Assim, as produções objetivadas na área da saúde visam capacitar os cidadãos a avaliarem seu estilo de vida, os hábitos e as atitudes que não contribuem para a manutenção da saúde.

Desse modo, em alguns relatos (Trabalhos 16 e 29), se utilizou métodos não convencionais como os debates, rodas de conversa, jogos, dinâmicas e produções artísticas como forma de atrair os(as) alunos(as) do Ensino Médio, o que resultou na participação dos(as) mesmos(as) por se tratar de um assunto pertinente e curioso para a idade, devido à pouca orientação desse tema no período escolar.

Nesta modalidade pode-se perceber através dos relatos as experiências que os(as) discentes tiveram durante a abordagem dos gêneros e sexualidades no Ensino de Ciências e Biologia, trazendo mecanismos e artifícios que vão auxiliar os(as) leitores(as) e futuros(as) docentes a tecer redes de conversação sobre essas temáticas.

Já a modalidade “**Produção de Material Didático, Vídeo ou Exposição Fotográfica (MDVF)**”, detém apenas 3 trabalhos dos 35 analisados, que nos trazem métodos que funcionam como guias para a abordagem das temáticas em questão. Estes recursos podem ter vários formatos, sendo os principais o impresso, audiovisual e tecnológico, e traz muitas vantagens para o processo de ensino-aprendizagem.

Nesta modalidade encontramos o trabalho 1, que utiliza a Abordagem Temática Freireana como instrumento para caracterizar os termos gênero e sexualidade, e suas diferenças,

na tentativa de extinguir uma separação binária e reducionista de alguns conceitos biológicos e mostrar que é possível utilizar argumentos sem perpetuar o uso equivocado ou mal intencionado da ciência. Este trabalho teve suma importância para ensinar que, embora existam padrões pré-definidos que visam enquadrar os indivíduos em determinados espaços, eles não são obrigatoriamente, e o que nos torna especiais são nossas peculiaridades.

O artigo 10, que também faz parte desta modalidade, traz como objeto principal um guia didático-pedagógico que ajuda professores em formação inicial ou continua a abordar gênero e sexualidade nas aulas de Biologia, especificamente para jovens e adultos, de maneira que possam não apenas ter acesso às informações sobre gênero e sexualidade, como ter acesso à sugestões de possibilidades pedagógicas para o desenvolvimento de ações educativas no contexto da aprendizagem escolar, com o objetivo de esclarecer sobre gênero e sexualidade.

Já o trabalho de número 32 trouxe um jogo didático, realizado por debates e interações, como forma de apresentar gênero e sexualidade para alunos com deficiência visual no Ensino de Biologia, com o objetivo de garantir a estes acessibilidade e trazer estas temáticas para além de questões fisiológicas. Estes trabalhos não apresentam objetivos, isso não nos possibilita identificar se eles foram utilizados em sala de aula, contudo, são mecanismos que possibilitam trabalhar com gênero e sexualidade nas aulas de ciências e biologia de formas menos engessadas, para além do quadro.

5. Considerações Finais

Esta pesquisa, que objetivou analisar o que foi discutido/produzido no Ensino de Biologia, a partir dos trabalhos publicados nos anais do VIII ENEBIO, VIII EREBIO/NE e II SCEB em 2021 sobre gênero e sexualidade indicam que apesar da injunção das políticas conservadoras e restritivas, há possibilidades de se divulgar e difundir os temas gênero e sexualidade no ensino de Biologia e Ciências, mas que o diálogo feito de forma aberta com os alunos em sala de aula de uma forma que provoque outros discursos que não só o biológico é imprescindível. Desse modo observamos a importância de continuarmos abrindo espaços e eventos como os estudados que propõem reflexões, debates e escutas com professores(as)/pesquisadores(as)/licenciandos(as) e etc., além de incentivar a comunidade científica a produzir e divulgar ciência, afim de trazer mais notoriedade para estes assuntos que vem sofrendo boicotes. Dessa forma quanto mais trabalhos forem publicados nesse tipo de evento, maior será a visibilidade a respeito do tema, o que consequentemente possibilitará o aprimoramento e modificações do processo de ensino.

É necessário ressaltar que abordar sexualidade e gênero nas escolas ainda é um desafio uma vez que, além dessa temática incluir aspectos biológicos, sociais e culturais, o assunto ainda é um tabu na sociedade. Contudo, precisamos entender que os processos didáticos-

DOI:

26

pedagógicos sofrem constantes mudanças ao longo do tempo, isso nos motiva a lutar para que temas tão importantes quanto gênero voltem a ser pauta nas escolas.

Este trabalho contribui com o campo da Licenciatura em Biologia, não só por evidenciar as várias formas de se propagar os termos gênero e sexualidade no seu ensino em Ciências, mas também para saber se já existiam trabalhos ou projetos nestes temas, de forma a trazer mais visibilidade para a área.

Referências

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, no. 2, 2001, p. 575-585.

ANTRA. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais**. Violência. [S.l.: s.n.]. 2019.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista de Estudos Feministas**, v. 19, n.2, 2011, p. 549-559.

BORBA, R. C. N.; TEIXEIRA, P. P.; FERNANDES, K. O. B.; BERTAGNA, M.; VALENÇA, C. R.; SOUZA, L. H. P. Percepções docentes e práticas de ensino de Ciências e Biologia na pandemia: uma investigação da Regional 2 da SBenBio. **Revista de Ensino de Biologia da SBenBio**, 2020, p. 170.

BRITZMAN, Deborah. **Curiosidade, sexualidade e currículo**. [S.l.: s.n.]. p. 95, 2001.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. 13ª ed., Rio de Janeiro. Autêntica Editora, 2017, p.240-243.

CARDOSO, L. R. Relações de gênero nos materiais curriculares de Ciências: o Programa Nacional de Livro Didático de Ciências em questão. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina Silva (Orgs.). Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades. BH: **Mazza Edições**, 2018, pp. 93-114.

CARVALHO, F. A. **Os discursos biológicos na educação para os gêneros - as sexualidades - e as diferenças**: aproximações e distanciamentos. 2018. 242 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência e a Matemática). Centro de Ciências Exatas, UEM, Maringá.

FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 27 ed., Petrópolis: Vozes, 1987.

FREEMAN, S. Illiberal libertarians: why libertarianism is not a liberal view. **Philosophy & Public Affairs**, 2002, p. 105-151.

JUNQUEIRA, R. D. A Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 7, n. 13, jul./dez. 2013. p. 481- 498.

JUNQUEIRA, R. D. “Ideologia de gênero”: um dispositivo retórico de uma ofensiva antifeminista. In: DIAS, Alfrancio Ferreira.; SANTOS, Elza Ferreira.; CRUZ, Maria Helena Santana (Orgs.). **Gênero e sexualidades**: entre invenções e desarticulações. Aracaju: Editora IFS, 2017, p. 47-61.

LIMA; MIOTO. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2013.

DOI:

LOPES, A.; OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Ramos Martins; OLIVEIRA, Gustavo Gilson Souza. **Os gêneros da escola e o (im)possível silenciamento da diferença no currículo**. Recife: Ed. UFPE, 2018.

LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**, v. 3, n. 4, 2011, p. 62-70,.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MACHADO, M.F.A.S., MONTEIRO, E.M.L.M., QUEIROZ, D.T., VIEIRA, N.F.C., BARROSO, M.G.T. Integralidade, formação de saúde e as propostas do SUS – uma revisão conceitual. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.12, n.2, 2007, p. 339-339.

MAKNAMARA, Marlécio. **Currículo, gênero e nordestinidade: o que ensina o forró eletrônico?** Orientadora: Marluicy Alves Paraíso. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003, p.158-159.

QUEIROZ, Glória, *et al.* Construindo saberes da mediação na educação em museus de ciências: o caso dos mediadores do museu de astronomia e ciências afins/Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 2, n. 2, 2002, p. 77-88.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005, p. 117-142.

SILVA, B. O. da.; RIBEIRO, P. R. C. Sexualidade na sala de aula: tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico. **Estudos Feministas**, v. 19, n.2, 2011, p. 521-533.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

STEYN, M. Novos matizes da "branquitude": a identidade branca numa África do Sul multicultural e democrática. In: V. Ware (Org.). **Branquidade, identidade branca e multiculturalismo**. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 115-137.

UNESCO. **Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências**. [S.l.: s.n.]. 2ª ed., p. 17, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.